

# As lutas sociais e políticas na Venezuela Bolivariana

Marcelo Buzetto\*

## **Resumo:**

As lutas políticas e sociais na Venezuela do governo Hugo Chávez têm despertado inúmeras polêmicas sobre o caráter das transformações em curso naquele país. Procuramos fazer uma análise crítica da situação venezuelana levando em consideração, principalmente, a posição das forças sociais e políticas que defendem um aprofundamento da chamada “Revolução Bolivariana”.

## **Introdução**

Acreditamos que todas as lutas políticas e sociais trazem no seu interior conflitos e contradições, e não seria diferente no caso da Venezuela contemporânea.

Ao analisar a Venezuela, muitos tem escolhido o caminho da exaltação pouco crítica da figura de Hugo Chávez e da “Revolução Bolivariana”. Outros, optaram pela oposição conservadora e anti-democrática, que busca demonizar o governo, incluindo-o num novo “eixo do mal”. Há ainda aqueles que dizem que são a “oposição de esquerda” ao governo Hugo Chávez, qualificando-o como um “governo burguês, que defende os interesses do grande capital nacional e internacional” (Toledo, 2007: 69), apesar de sua composição ser, majoritariamente, de forças políticas que lutam contra o capitalismo. Esta análise tem suas variações práticas, que vão daqueles que propõe “preparar sua derrota através da mobilização revolucionária das massas” (Iturbe, 2007:29) até os que participaram ativamente do golpe e se aliaram à direita venezuelana em 2002, com um discurso de “oposição de esquerda”, como foi o caso do partido venezuelano Bandera Vermelha (Bandera Roja - BR).

Uma outra posição, que me parece a mais coerente neste processo, tem sido a de organizações e intelectuais que, mesmo avaliando de maneira crítica a situação da esquerda e do governo venezuelanos, tem se mantido firmes na defesa de um projeto estratégico de transformações que tem na figura de Hugo Chávez um de

---

\* Doutorando em Ciências Sociais (PUC/SP), membro do NEILS, professor e coordenador do Núcleo de Estudos Latino-Americanos - NELAM (Centro Universitário Fundação Santo André - CUFSA), professor da Universidade Metodista (UMESP-SBC/SP), membro da Direção Estadual do MST/SP

seus representantes, mas não o único e, nem mesmo, o mais importante.

Acreditamos que é preciso evitar uma análise mecanicista e antidialética da situação venezuelana, que coloca sempre em primeiro lugar a questão de ser contra ou a favor de Chávez, sem valorizar as contradições inerentes a um processo de mudanças como este. Nesse sentido, ao avaliar a atual correlação de forças na luta de classes na Venezuela, muitos partidos e organizações daquele país chegaram à conclusão de que é necessário apoiar com firmeza todas as medidas governamentais que possuem um conteúdo fortemente classista, antiimperialista e anticapitalista e, ao mesmo tempo, denunciar e combater as medidas que dificultam ou impedem a auto-organização da classe trabalhadora na sua luta pela construção do socialismo.

### **1. A Venezuela vive hoje uma revolução?**

Parece-me um exagero fazer tal afirmação. É verdade que tem ocorrido na Venezuela, desde 1989, aquilo que podemos chamar de ofensiva da classe trabalhadora, de ascensão e crescimento dos movimentos de caráter classista, profundamente influenciados por idéias e programas que têm como referência o nacionalismo popular e democrático, o antiimperialismo e o socialismo.

As lutas de massa organizadas por movimentos de trabalhadores empregados, subempregados ou desempregados, no campo ou na cidade, têm acontecido com muita frequência.

Acreditamos que o que está ocorrendo é um movimento de ofensiva dirigido por diversos setores da classe trabalhadora, do proletariado, principalmente o proletariado urbano, representado pelos operários e operárias dos diversos ramos da indústria venezuelana, mas com destaque para os do setor químico/ petroquímico, pelos proletários desempregados/subempregados, pelos proletários que estão presentes nos movimentos de luta por moradia digna (Comitês de Terra Urbana) e tantos outros movimentos de caráter classista que surgiram no final do século XX e neste início de século XXI, com profundo enraizamento nos bairros da periferia de Caracas<sup>1</sup>, onde se concentram grande parte das experiências de organização popular que resultaram desse processo que muitos têm chamado de “Revolução Bolivariana”.

Todo esse processo de acúmulo de forças da classe trabalhadora pode desencadear, e mesmo resultar, numa ruptura, através de ações que coloquem em movimento uma transição para além do capitalismo. São as condições objetivas

---

<sup>1</sup> Para conhecer um pouco do debate sobre a “Revolução Bolivariana” no cotidiano dos bairros da periferia de Caracas, sugerimos o acompanhamento do sítio da internet <http://www.el23.net>, com notícias sobre o trabalho desenvolvido por movimentos sociais de base naquele bairro, que conta com aproximadamente 500 mil moradores.

e subjetivas presentes no dia-a-dia da luta de classes que poderão nos dizer para onde vai o processo de transformações que vive a Venezuela na atualidade. Este processo pode sim resultar numa revolução anticapitalista/socialista. Mas também pode ser derrotado pelas forças conservadoras, antidemocráticas e pró-imperialistas.

A derrota ou a vitória de um dos lados neste confronto não está pré-determinada. Por mais justa e correta que possa ser a posição da classe trabalhadora que luta por profundas transformações econômicas, políticas, sociais e culturais, esta posição pode ser enfraquecida, num primeiro momento, e até derrotada.

Apesar de todo esse processo de mobilização em curso desde 1989, parece que a força acumulada pela classe trabalhadora e suas organizações ainda não é suficiente para que se possa dar um salto adiante nesta luta pela construção do socialismo na Venezuela.

Inúmeros acontecimentos tem demonstrado que o trabalho realizado até aqui pelos setores da esquerda, apesar de importante, ainda tem fragilidades. As próprias organizações que estão ativamente envolvidas na construção das mudanças reconhecem que precisam intensificar o trabalho de organização nas fábricas, nos bairros, nas comunidades rurais, nas universidades, etc. Também percebem que em relação à elevação do nível de consciência política das massas e à formação de novos militantes e dirigentes operários e populares, ainda há muito o que fazer.

Parece que a esquerda venezuelana reconhece que todo o esforço realizado até agora ainda é insuficiente para realizar o sonho de iniciar uma verdadeira transição anticapitalista neste estratégico país da América do Sul. Portanto, a revolução anticapitalista/socialista ainda não foi vitoriosa na Venezuela, mas é inquestionável que as forças sociais e políticas que defendem tal proposta têm se fortalecido desde 1989.

## **2. Hugo Chávez tem o poder na Venezuela?**

Hugo Chávez está no governo, mas não detém o poder, pois o poder está concentrado nas mãos dos proprietários dos meios de produção. É a burguesia venezuelana que ainda tem o poder, mesmo num governo formado majoritariamente por partidos e forças que lutam contra o capitalismo<sup>2</sup>. São

los capitalistas, que tienen, todavía, en sus manos, buena parte de las industrias, los factores de producción desde la tierra y por tanto, el ganado, en pie; y tienen todavía, en sus manos, el transporte, los mataderos, se han adueñado de los

---

<sup>2</sup> Para compreender como é esta situação, vale a pena assistir o documentário “A Batalha do Chile”, de Patricio Guzmán (Videofilmes Produções Artísticas Ltda), sobre os desafios enfrentados pela esquerda durante o governo de Salvador Allende.

mataderos que deberían ser municipales, según la ley; yo hago um llamado a todos los alcaldes a recuperar los mataderos y ponerlos em manos de los consejos comunales, en manos del pueblo y no en manos de capitalistas, que tienen en su mano los frigoríficos, los auto mercados; entonces, le aplican al pueblo la política de desabastecimiento, para tratar de desestabilizar al gobierno, para tratar de restarle apoyo al gobierno, y luego, atacar, y eso es parte del momento que estamos viviendo; por lo que se hace necesario, imprescindible, un conjunto de medidas, una de ellas, la conformación de nuestro Partido Unido, Socialista, Revolucionário, Bolivariano, porque la situación interna se va a agudizar; en los próximos meses, surgirán más contradicciones, sencillamente porque nosotros no tenemos planes de detener la marcha de la revolución; todo lo contrario, es la marcha a fondo, y en la medida en que la revolución vaya profundizándose, vaya expandiéndose, esas contradicciones van a aflorar, incluso, algunas que, hasta ahora, se han mantenido tapadas, van a agudizarse, van a intensificarse, porque se trata del tema económico, y no hay nada que le duela más a un capitalista que el bolsillo, pero tenemos que entrar en ese tema; no podemos evadirlo. Hemos venido avanzando, la Misión Robinson, la Misión Ribas, la Misión Vuelvan Caras; todo eso es socialismo, pero no tendríamos socialismo integral, pleno, si no comenzamos a transformar el modelo económico, capitalista, que todavía tenemos en Venezuela. Y eso va a ser una revolución dentro de la revolución (Chávez, 2007a: 214-215).

É óbvio que uma situação como esta exige muito mais cautela no momento da reflexão crítica, pois não se trata de uma situação muito comum, rotineira, no capitalismo. O caso venezuelano é uma exceção, uma excepcionalidade na história, pois o comum, o normal, a regra, no processo de desenvolvimento do capitalismo, é a existência de governos completamente comprometidos com os interesses da classe dominante. Nesse sentido, o governo de Salvador Allende, no Chile, também criou uma situação incomum para as forças de esquerda, que eram governo sem estar no poder. A tendência, numa situação como esta, é a de acirramento das contradições e da luta de classes, até a vitória de uma classe sobre a outra, ou seja, a vitória da revolução ou da contra-revolução. No caso chileno, com o apoio decisivo do governo dos EUA, foi vitoriosa a contra-revolução. Precisamos nos esforçar para compreender quais são as novas contradições presentes no processo venezuelano, que pode até ter alguma semelhança com o que foi o Chile na época do governo da Unidade Popular, mas com certeza também tem muitas diferenças qualitativas que merecem nossa atenção se quisermos, de fato, compreender quais são as possibilidades de uma ruptura anticapitalista nessa determinada situação da luta de classes.

### **3. “O governo Hugo Chávez” ou a análise personalista da história**

Chávez não é um aventureiro na política venezuelana. Desde os anos 80

vem discutindo a possibilidade de tomada do poder pelo povo com vários agrupamentos de esquerda que desenvolviam algum trabalho político nas Forças Armadas e nos movimentos sindical e popular. Nesse período, Willian Izarra e outros oficiais fizeram contato com Chávez quando da elaboração do R-83, um plano de levante militar com o objetivo de iniciar, em 1983, uma revolução popular. Para isso, haviam criado a ARMA (Aliança Revolucionária de Militares Ativos). Também Douglas Bravo, conhecido líder guerrilheiro, que havia sido membro do Partido Comunista Venezuelano (PCV) e organizador das Forças Armadas de Libertação Nacional (FALN), conheceu o atual presidente da Venezuela quando construía um novo instrumento político e militar, o Partido da Revolução Venezuelana (PRV), formado por inúmeros dissidentes do PCV (Garrido, 1999: 70-77).

Em fevereiro de 1989 ocorre um levante popular contra a pobreza, a desigualdade social, o neoliberalismo e os acordos com o FMI. Em 1992, no mesmo mês, em homenagem aos que morreram e foram duramente reprimidos pelo governo de Carlos Andrés Peres três anos antes, membros do **Movimento Bolivariano Revolucionário 200 (MBR)** tentam derrubar o governo através de um levante militar. Chávez é um dos comandantes desta operação. São derrotados no campo militar, mas tornam-se conhecidos por toda a nação através de um pronunciamento na televisão feito por Chávez, condição que o mesmo impõe nas negociações feitas com o governo para desmobilizar os revoltosos.

Preso por dois anos, volta ao cenário político nacional organizando o **Movimento V República (MVR)**, registrado como partido político em 1997. Candidato à presidência nas eleições de 1998, vence o pleito com 56% dos votos. Em 1999, quando assume o cargo, desencadeia um processo de debate em todo o país com a finalidade de elaborar uma constituição popular e democrática, que é aprovada num referendo onde 71% dos venezuelanos se manifestaram favoráveis às mudanças trazidas pela nova carta magna. A Constituição muda o nome do país para República Bolivariana da Venezuela, em homenagem a Simon Bolívar, herói da guerra de independência, conhecido em toda América Latina como “O Libertador”. É preciso considerar que “Chávez inicia seu mandato totalmente isolado internacionalmente. O neoliberalismo era imposto como modelo único. A retaguarda socialista com a que tinham contado tentativas revolucionárias anteriores tinha desaparecido. Seu principal adversário, os Estados Unidos, tinham se transformado na primeira potência mundial sem nenhum contrapeso” (Harnecker, 2004:18). Sendo assim, percebemos que toda a movimentação das forças políticas e sociais que apoiavam o governo lutavam para criar condições mais favoráveis para a implementação de reformas com um nítido caráter anti-neoliberal.

Durante o mandato de Chávez os trabalhadores e as massas populares vão para as ruas para defender um programa democrático, popular e antiimperialista, denominado “Revolução Bolivariana”. Um dos pontos deste programa é a Lei de Terras, que é aprovada pelo governo e incluída no texto da Constituição Bolivariana, que em seu artigo 307 afirma que “el régimen latifundista es contrario al interes social” (República Bolivariana da Venezuela, 2000: 328), e a eliminação do mesmo seria uma condição para garantir o desenvolvimento econômico e social das famílias pobres que vivem no campo.

Quanto maior a mobilização de massas organizada por vários setores da classe trabalhadora, mais reação das forças conservadoras e reacionárias que por décadas controlaram o país, como foi possível verificar no golpe de estado de abril de 2002 (apoiado pelo governo dos EUA) e nas diversas ações de sabotagem contra o povo venezuelano entre dezembro de 2002 e fevereiro de 2003.

Para demonstrar seu forte apoio popular, Chávez aceitou participar de um referendo para que os venezuelanos decidissem se ele deveria continuar como presidente ou deveria deixar o cargo e convocar novas eleições. Realizado em 15 de agosto de 2004, o referendo deu mais uma vitória ao governo que, representado pela campanha do *Ñao*, ganhou mais um processo eleitoral, se consolidando como um dos governos mais democráticos do mundo. A revogabilidade dos mandatos, algo próprio de países como Cuba, que já passaram por um processo de revolução anticapitalista, acabou também se tornando uma das medidas mais importantes contidas na Constituição Bolivariana.

Esse ressurgimento dos movimentos de massa da classe trabalhadora na Venezuela tem contribuído para fortalecer as organizações antiimperialistas/socialistas que já existiam antes de 1989, mas também criou condições favoráveis para a construção de novos instrumentos políticos da classe e de novos movimentos e organizações que, mesmo escolhendo caminhos diferentes, conseguem ter uma unidade mínima em torno do combate ao neoliberalismo, ao imperialismo, ao capitalismo. Durante o governo de Hugo Chaves se consolida a aliança entre os diversos setores da classe trabalhadora e as organizações nacionalistas/antiimperialistas/socialistas/comunistas, que formam hoje a base de sustentação do governo.

Esse protagonismo e essa capacidade de liderança presente nas ações de Hugo Chávez acabou sendo um dos elementos que contribuiu para que fossem criadas condições para o desenvolvimento de uma tendência de análise da situação venezuelana onde aquele que é considerado o “principal personagem” acaba sendo supervalorizado em detrimento de uma análise que se preocupa com a posição das classes e frações de classe, e dos partidos e organizações que representam os interesses dos mais diversos setores da sociedade. Essa tendência

de menosprezar e/ou ignorar as forças políticas e sociais em luta tem sido hegemônica mesmo entre setores da intelectualidade de esquerda considerados marxistas. Uma exceção que merece destaque é o professor James Petras<sup>3</sup>, da University of New York (Birghamton/EUA), que em sua avaliação do processo venezuelano tem se preocupado em compreender a posição das classes sociais e seus representantes.

É comum, quando falamos da Venezuela atual, a referência a Hugo Chávez, mas não é tão comum alguém falar das forças políticas e sociais que dão sustentação a este projeto que muitos chamam de “Revolução Bolivariana”, por isso gostaria de aproveitar para lembrar que o governo pode até ser representado pela figura de Hugo Chávez, mas este é um governo formado pela coalisão de diversos partidos políticos e movimentos sociais<sup>4</sup>, tais como: **Movimento Quinta República – MVR** (um agrupamento de várias tendências, que vão do nacionalismo popular e democrático e de diversas modalidades de socialismo utópico até correntes nitidamente marxistas, adeptas do chamado socialismo científico e do materialismo histórico e dialético. Este partido, criado em 1997, decidiu se dissolver para se integrar ao **Partido Socialista Unido da Venezuela - PSUV**<sup>5</sup>); **Partido Comunista da Venezuela – PCV** (fundado em 1931, é a mais antiga organização política da esquerda venezuelana ainda em atividade. Se consideram marxistas, mas se apropriam também da contribuição teórica do que chamam de “bolivarianismo”. Como partido proletário, recusaram-se a entrar no PSUV por, entre outros motivos, considera-lo uma organização policlassista); **Unidade Popular Venezuelana – UPV** (se dizem seguidores do bolivarianismo e do marxismo, com forte influência do pensamento de Ernesto Che Guevara. É um partido jovem, criado no final dos anos 90. Também é uma das organizações

---

3 Sugerimos a leitura dos seguintes textos de J. Petras: “O dia D da Venezuela: socialismo ou contra-revolução imperial (01/12/2007)”, “Referendo venezuelano: uma autópsia e seus resultados (06/12/2007)” e “Venezuela: dicionário de eufemismos da oposição liberal (07/01/2008)”, disponíveis no sítio <http://resistir.info> e a entrevista com J. Petras “Chavez debe saber que la colaboración con el capital no rinde resultados positivos cuando ponga su socialismo en la agenda (05/12/2007)”, disponível no sítio <http://www.rebellion.org>.

4 É necessário esclarecer que existem inúmeros movimentos, organizações e partidos de esquerda na Venezuela. A cada momento surgem novas siglas e agremiações, ocorrem fusões entre vários movimentos, outros mudam de nome, se integram a outras organizações, etc. Portanto, seria impossível falar de todos. Fizemos a opção de apresentar alguns movimentos e partidos que tem um papel determinante na atualidade e outros que, mesmo sendo mais jovens e ainda em desenvolvendo, tem perspectivas de crescimento no próximo período.

5 **Partido Socialista Unido da Venezuela (PSUV)**: com o objetivo de unificar as forças de esquerda que apóiam a “Revolução Bolivariana”, Hugo Chávez e demais lideranças partidárias e populares, em sua maioria ligadas, no início, ao MVR, lançaram a proposta de um novo partido de esquerda. Muitos movimentos sociais aderiram à nova sigla, mas nem toda esquerda se integrou ao PSUV, como foi o caso do PCV e do PPT, que preferiram ficar de fora da nova sigla, apesar de considerarem o PSUV como aliado estratégico. O Congresso de fundação do PSUV se realizou nos dias 12 e 13 de janeiro deste ano.

políticas que se integrou ao PSUV); **Pátria Para Todos – PPT** (é uma dissidência da Causa R, partido com influência no movimento operário e popular nos anos 80 e início dos anos 90. Misturam nacionalismo popular e democrático com a luta pelo socialismo); **Liga Socialista - LS** (Organização política marxista criada no início dos anos 70. Faz parte da base de sustentação do governo Chávez desde 1998/1999. Tem defendido a unidade dos socialistas no interior do PSUV, partido onde hoje atuam. Reivindicam-se marxistas, e tem assumido a influência do pensamento de Leon Trotsky na definição de seu programa político); **Movimento Eleitoral do Povo – MEP** (Foi uma dissidência do partido social-democrata Ação Democrática – AD, em 1967, que hoje lidera a oposição golpista. Defende o socialismo e decidiu se integrar ao PSUV); **Pela Democracia Social – PODEMOS** (Surgiu em 2003, como dissidência do Movimento Ao Socialismo – MAS. Se diziam anticapitalistas e socialistas. Estiveram na base de sustentação do governo até 2007, quando começou a ocorrer divergências com as propostas de Hugo Chávez e do PSUV. Houve uma divisão interna e setores majoritários desta sigla iniciaram um processo de críticas que resultou no afastamento do partido da esquerda. Filiou-se recentemente à Internacional Socialista- IS e agora se define como um movimento que tem como princípios o humanismo, o pacifismo, a ecologia e a racionalidade científica. Está, hoje, na oposição ao governo Chávez); **Movimento Revolucionário Tupamaros – MRT** (Originalmente formado por membros da Frente de Resistência Popular Tupamaros. Após divergências sobre que tipo de organização deveriam ser, um setor se apropriou do nome MRT para se tornar uma força política eleitoral. Tinham uma base forte no Bairro 23 de Janeiro, em Caracas, mas a opção eleitoral gerou conflitos com outros militantes que não concordaram com a utilização do nome “Tupamaros” na sigla. Apóiam o governo desde o início defendendo a idéia de que é preciso aprofundar a “revolução”. São considerados adeptos do marxismo, do leninismo e do maoísmo).

Além desses partidos, inúmeros movimentos e organizações políticas e sociais participam ativamente na construção desse movimento chamado de “Revolução Bolivariana”, tais como: **Frente Nacional Camponesa Ezequiel Zamora – FNCEZ** (Organização de trabalhadores e trabalhadoras do campo que definiu em seu 1º. Congresso, em 2005, que sua bandeira de luta seria a revolução agrária e o socialismo. Nas mobilizações de massa por terra e por reforma agrária organizadas pela FNCEZ sempre aparecem críticas ao reformismo, à burocracia e à corrupção existentes no interior das forças que apóiam o governo Chávez. Apesar das críticas, eles resolveram entrar no PSUV, para fortalecer, segundo eles, as forças verdadeiramente revolucionárias), **Movimento Popular Revolucionário Fogata** (Organização formada por muitos militantes que vieram do movimento estudantil. Avaliam que o PSUV é um instrumento tático,

um instrumento de acúmulo de forças. Consideram que o novo partido não é o partido histórico da revolução, por ser policlassista, mas decidiram fazer parte do que chamam “corrente revolucionária”, que seria, segundo eles, a unidade das forças mais conseqüentes no interior do PSUV); **Coordenadora Simon Bolívar** (Organização bastante atuante no bairro 23 de janeiro, em Caracas. Desenvolve inúmeras atividades culturais, de formação política e de organização popular. Se destacou pela ativa participação de sua militância no Plano de Alfabetização Nacional-Missão Robinson. Muitos de seus militantes e quadros ingressaram no PSUV); **União Nacional de Trabalhadores – UNT** (Nova central sindical criada pelas forças de esquerda após a ofensiva da oposição golpista entre 2002 e 2003. Algumas correntes no interior da UNT: *Corrente Classista Unitária e Revolucionaria (C-CUR-A)*, liderada por Orlando Chirinos e Stalin Pérez Borges; outra, sem nome definido, está ligada à dirigente Marcela Máspero; *Força Bolivariana dos Trabalhadores (FBT)*, comandada pelo deputado Osvaldo Vera (MVR/PSUV); Autonomia Sindical, ligada ao PPT; um grupo coordenado por Franklin Rondón e Alexis Machuca, considerado por alguns como a direita burocrática da UNT); **Central Unitária de Trabalhadores da Venezuela – CUTV/Corrente Classista de Trabalhadores** (Central sindical criada em 1963, como dissidência de esquerda da Central dos Trabalhadores da Venezuela – CTV, que hoje faz partes das forças conservadoras e de direita. É a central cuja força principal e dirigente é o PCV. Junto com a UNT tem procurado mobilizar a classe trabalhadora por melhores condições de vida e de trabalho, e pelo socialismo); **Frente Cívico-Militar Bolivariana – FRECIMIBOL** (Organização formada por civis e militares que se esforçam para fortalecer um dos principais pilares da “Revolução Bolivariana”, que é a unidade cívico-militar).

Não pretendemos menosprezar o papel do indivíduo na história, mas também é preciso valorizar as diversas organizações políticas e sociais que estão tendo um papel dirigente neste processo, para não ficar a impressão de que o indivíduo Hugo Chávez pode fazer o que bem entender a qualquer hora. Não é bem assim, pois existe um acompanhamento, uma fiscalização por parte das organizações que ajudaram a construir este momento histórico, para que não haja nenhum retrocesso, mas sim avanços, ou como dizem muitos venezuelanos:

Vamos a continuar profundizando la revolución, hermanas y hermanos. Ante el intento de quebrar la revolución, no puede haber otra respuesta que profundizar la revolución. La revolución no se negocia, los principios no son negociables. Los revolucionarios hacemos revolución, profundizamos la revolución, en lo político, en lo económico, en lo social, en lo ideológico. Así que esa es la tarea de este momento de nuestra historia. Que nadie dude, que nadie vacile.” (Chávez, 2003: 120/121).

Também os limites e fragilidades muitas vezes presentes nas ações do governo talvez sejam um reflexo dos limites e fragilidades das organizações que estão dirigindo as transformações em curso na Venezuela. Sem querer isentar de responsabilidade o presidente Hugo Chávez, acreditamos que é imprescindível identificar quais são os erros cometidos cujo fator determinante é a posição do indivíduo Hugo Chávez e quais são aqueles equívocos cometidos por uma definição política coletiva, elaborada e defendida por uma ou várias organizações com influência nos rumos da chamada “Revolução Bolivariana”, para que possamos evitar uma análise personalista da história, onde tudo o que acontece de bom ou de ruim é explicado como fruto da vontade de uma única pessoa, desconsiderando assim outros elementos que, com certeza, tem alguma relevância na tomada das decisões de um governo que está sendo construído por forças que, majoritariamente, estão comprometidas com a luta pelo socialismo.

#### **4. “O governo Chávez é um governo burguês, que defende os interesses do grande capital nacional e internacional”?**

Uma coisa é reconhecer que ainda não podemos falar em vitória de um processo revolucionário anticapitalista na Venezuela, outra coisa é desconsiderar/menosprezar/ignorar que o governo de Hugo Chávez foi, e continua sendo, parte e resultado de um amplo processo de mobilização de massas, com forte presença do proletariado e das massas populares. Durante este governo as condições objetivas e subjetivas se tornaram mais favoráveis para aqueles que lutam contra o capital e o capitalismo, o que não significa que desapareceram as contradições de classe ou os enfrentamentos violentos entre a classe trabalhadora e a burguesia. Mas as condições criadas pela luta de classes neste período de 1989 até 2007 favoreceram uma aproximação muito forte e rápida dos diversos setores da esquerda com os diversos setores da classe trabalhadora, o que tornou possível este processo de mobilização que vemos na atualidade.

Como ele pode ser um governo defensor do grande capital sendo atacado todos os dias pelo grande capital em todo o mundo, fazendo alianças internacionais e regionais que contrariam os interesses do imperialismo<sup>6</sup>, sofrendo um golpe

---

6 Nesse sentido, merecem destaque: a construção da Alternativa Bolivariana para os Povos da América (ALBA), em contraposição à proposta estadunidense da Área de Livre Comércio das Américas (ALCA), o decisivo apoio à Cuba num momento de ofensiva do governo dos EUA contra este país, a solidariedade com o governo e o povo bolivianos, as ações de solidariedade para com o povo do Haiti, e as críticas feitas por Hugo Chávez à ocupação militar daquele país, as constantes críticas de Chávez à invasão estadunidense no Afeganistão e no Iraque, as denúncias contra o governo colombiano de Álvaro Uribe, o pedido de reconhecimento internacional das Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia-Exército do Povo (FARC-EP) e do Exército de Libertação Nacional-ELN como forças beligerantes, a aproximação econômica e política com o Irã, num momento onde o governo de George W. Bush tenta jogar o mundo todo contra este país, etc.

civil-militar, com a direita planejando atentados contra a Venezuela e a burguesia mundial impulsionando um movimento cotidiano de oposição a toda e qualquer medida que possa melhorar as condições de vida da maioria da população daquele país. Ainda assim, alguns agrupamentos políticos supostamente de “esquerda” insistem em acusar o governo venezuelano de ser “um governo burguês, portanto, inimigo dos trabalhadores, e que não se pode depositar nenhuma confiança nele”, e a “a estratégia do movimento operário deve ser a de derrubar o governo de Chávez (...)” (Weil, 2004: 86). Essas declarações de um representante da Liga Internacional dos Trabalhadores – LIT<sup>7</sup> demonstra o sectarismo e a cegueira que tomam conta de muitas organizações que, pretendendo fazer a crítica ao governo Chávez, acabam contribuindo para fortalecer o projeto de desestabilização econômica e política da Venezuela, um projeto que, sem nenhuma dúvida, está sob o comando do grande capital nacional e transnacional e seus representantes. Enquanto se desenvolve uma ofensiva burguesa contra o governo e a classe trabalhadora venezuelana, alguns partidos e grupos que se auto-proclamam “marxistas” ainda insistem em transformar Hugo Chávez no inimigo principal, servindo assim aos interesses daquelas forças que eles próprios dizem combater. Não existe nada mais irresponsável e equívocado neste momento da luta de classes na Venezuela do que a proposta de “derrubar o governo Chávez”.

Fazer uma avaliação crítica e verificar os limites do processo em curso na Venezuela é uma obrigação para todos que querem desenvolver com alguma seriedade uma análise dialética da história e das lutas em curso naquele país. Já trabalhar ativamente pela derrota de um projeto operário e popular que tem na figura de Chávez um de seus representantes, isso não é ser “oposição de esquerda”, mas sim um instrumento da burguesia e da ideologia burguesa no interior do movimento socialista.

### **5. Evitar o reformismo e o esquerdismo/sectarismo/voluntarismo: um dos desafios da “Revolução Bolivariana”**

Durante os anos do governo Hugo Chávez tem se intensificado, no interior do movimento operário, sindical e popular, e nas organizações e partidos de

---

<sup>7</sup> Duas declarações importantes, que representam a posição oficial da LIT em relação a Venezuela são: *Consideraciones sobre el cierre de RCTV en Venezuela* e *Venezuela: Por que llamamos a votar por el NO*. As duas, disponíveis no site <http://www.litci.org>, no chamado *Dossiê Venezuela*, têm alimentado o debate sobre a situação do país. Na primeira declaração a LIT se posiciona contra a não-renovação da concessão do governo venezuelano para o grupo empresarial de televisão RCTV, alegando que tal medida é um ataque à liberdade de imprensa. Na segunda declaração, a LIT se coloca contra o projeto de Reforma Constitucional elaborada pelos trabalhadores e pelo governo venezuelano, e se posiciona pelo voto Não no referendo de 02 de dezembro de 2007. Tal posição gerou inúmeras críticas, pois o projeto apresentado por Chávez trazia muitas melhorias concretas para os trabalhadores, como a proposta de redução da jornada de trabalho para 36 horas semanais.

esquerda o debate sobre o socialismo e a estratégia da classe trabalhadora. Esse debate veio sempre acompanhado sobre discussões que refletiam sobre qual deveria ser a velocidade das transformações, o caráter das mesmas e as tarefas mais importantes do momento. Desde abril de 2002, quando ocorreu o golpe cívico-militar que tentou, sem sucesso, derrubar o governo, multiplicam-se entre os apoiadores de Chávez as críticas às posições consideradas reformistas, à burocracia e à corrupção. Entendendo que existem setores oportunistas que estão se aproveitando da situação de estar no governo para conseguir vantagens pessoais ou para sua organização, partidos e movimentos sociais iniciaram uma campanha de denúncia de indivíduos ou grupos que, no interior da chamada “Revolução Bolivariana”, tem impedido ou criado muitas dificuldades para o avanço da auto-organização dos trabalhadores.

Esses setores considerados reformistas congregariam desde empresários, passando por uma intelectualidade pequeno-burguesa até uma burocracia sindical e funcionários do governo com ligações com dirigentes de alguns partidos que compunham a base de sustentação de Chávez. Para frear o avanço deste setor qualificado como “mais moderado”, surgem diversas iniciativas, trazidas a público por várias e distintas organizações. Podemos perceber esta movimentação de setores de esquerda através de pronunciamentos de organizações como as Forças Bolivarianas de Libertação (FBL)<sup>8</sup>, que chegam a propor uma frente antiimperialista com o seguinte programa: unidade de todas as forças de esquerda numa frente de organizações defensoras da Revolução Bolivariana; apoio a Hugo Chávez e sua luta pela Soberania Nacional; fortalecer a estratégia de *Guerra de todo o povo* (preparando a população civil para um possível enfrentamento militar com forças estrangeiras); fortalecer a unidade cívico-militar e formar as Milícias Bolivarianas em todo o território nacional; realizar manifestações massivas de defesa da Revolução Bolivariana; atacar de maneira contundente os setores conservadores, anti-democráticos e anti-populares; **combater de maneira implacável os conciliadores, os corruptos e os traidores que estão nas fileiras da Revolução e se enriquecem com dinheiro do povo enquanto falam de moderação** e fortalecer a solidariedade com outros povos que lutam contra o imperialismo (Zacarias, 2004). Também como parte dessa ofensiva operária, popular e camponesa contra o chamado reformismo se somaram a FNCEZ, a Corrente de Trabalhadores em Revolução (CTR), a CCURA-UNT, a

8 Organização político-militar de orientação marxista-leninista que surge em 1986. Sua primeira aparição pública foi em 1992. Durante o governo de Hugo Chávez continuou suas ações de combate ao paramilitarismo e a setores da classe dominante. Em suas declarações tem defendido o governo e reconhecido a liderança de Chávez, sempre “alertando” o “comandante” dos perigos do reformismo. Se apresentam como uma das expressões do “povo em armas”. Apesar dos pedidos de deposição das armas e desmobilização enquanto organização militar, feitos por Chávez através de um programa de televisão, continuaram a se pronunciar como organização político-militar entre os anos de 2003 e 2007. Seus pronunciamentos são encontrados no sítio <http://www.cedema.org>.

Frente de Trabajadores de Empresas Ocupadas e Cogestionárias (FRETECO), a UPV, o Sindicato Nacional de Trabajadores UCV (SINATRA), o Coletivo Aléxis Vive, a Coordinadora Simón Bolívar (CSB), o Movimento de Bases Populares (MBP) e o Coletivo La Dolorita Rebelde (CDR). Logo após a vitória eleitoral de Hugo Chávez em dezembro de 2006, onde foi novamente eleito presidente da República Bolivariana da Venezuela, estas organizações decidem lançar um comunicado onde divulgam suas propostas para o que consideram “uma nova etapa para o país”. No documento defendem: **1.** Aceleração das transformações do Estado, **2.** A municipalização do poder popular, **3. A luta sem tréguas contra a corrupção e a burocracia**, **4.** a aplicação e o aprofundamento da economia social e coletiva, **5.** A transformação das empresas do Estado em empresas de produção social, **6.** A industrialização do país sobre a base de uma nova concepção de propriedade, **7.** A aceleração da guerra ao latifúndio, **8.** Mais eficiência na aplicação dos programas de moradia popular, **9.** Implementação de um novo modelo educacional, **10.** A institucionalização da ética e da moral revolucionárias, **11.** A convocação das bases chavistas para um debate participativo sobre a construção do partido da revolução. (FNCEZ e outros, 2006).

Todo esse movimento de organizações e pessoas que possuem um vínculo orgânico com a chamada “Revolução Bolivariana” acabou resultando também em declarações do próprio presidente Hugo Chávez sobre o assunto. Segundo ele,

el reformismo puede acompañar una revolución por un tiempo, pero hay una barrera más allá de la cual el reformismo se convierte en contrarrevolucionario, y eso es lo que está ocurriendo aquí. A los reformistas no les gusta la intervención de los hatos, porque esto es revolución en el campo y hay personas que tienen conexiones, compromisos con los terratenientes, con la élite regional o nacional, o que les da miedo que los llamen esto, que los llamen aquello, por el periódico, por la radio; o a veces, tienen rabo de paja y no se atreven a meterse en la candela. El que tenga rabo de paja, no se acerque a la candela (Chávez: 2007A; 214).

Também intelectuais como Alan Woods, que tem manifestado solidariedade com a “Revolução Bolivariana”, procuram chamar a atenção para os perigos que tais posições “moderadas” e “conciliadoras” podem trazer para o processo venezuelano, pois, segundo o mesmo, esse setor acaba alimentando, entre os trabalhadores, a ilusão da possibilidade de convivência/coexistência pacífica entre as classes sociais que possuem interesses antagônicos. Woods afirma que

según la lógica de los reformistas, una actitud conciliadora abrirá el diálogo y obligará a la oposición a adoptar una posición más razonable. Este argumento no tiene ninguna base. En repetidas ocasiones en el pasado, Chávez ha

intentado este tipo de cosas. Los resultados han sido exactamente lo contrario a los que pronosticaban los reformistas. Eso se demostró después del golpe de abril de 2002, cuando el presidente ofreció negociar con la oposición. ¿Cuál fue el resultado? No la reconciliación nacional sino el sabotaje de la economía. Después también Chávez ofreció negociar. El único resultado fue un nuevo intento de derrocar al gobierno con el referéndum revocatorio (Woods, 2008).

Outro desafio do processo vivido pelas organizações de esquerda da Venezuela é evitar aquilo que Lênin chamou de “esquerdismo”, ou o que muitos denominam, na atualidade, de “sectarismo”. São um conjunto de posições que podem levar um movimento à derrota por defender bandeiras e propostas que não possuem condições de serem realizadas com êxito pela classe trabalhadora num determinado momento. São propostas impossíveis de serem realizadas, seja pela falta de experiência da classe trabalhadora e suas organizações, seja pela ausência da necessária capacidade de mobilização social, ou pelo baixo nível de consciência política dos trabalhadores, militantes e dirigentes operários e populares. Resumindo, são posições que ignoram ou menosprezam as condições objetivas e subjetivas presentes no cotidiano das lutas, portanto, levam os trabalhadores para aventuras que resultam quase sempre em isolamento, defensiva e derrota de todo um potencial de mobilização construído ao longo de muitos anos de trabalho organizativo.

Esses setores esquerdistas menosprezam as forças da classe dominante e depositam quase que exclusivamente a responsabilidade pela “pouca velocidade” das transformações que ocorrem hoje na Venezuela na vontade dos indivíduos que estão nas direções dos movimentos e partidos que levam adiante a “Revolução Bolivariana”. Portanto, é possível afirmar que o subjetivismo e o voluntarismo também podem ser identificados como parte de um conjunto de equívocos praticados por aqueles que, muitas vezes, em processos onde se verificam significativas transformações sociais dirigidas por organizações antiimperialistas e anticapitalistas/socialistas, insistem em aparecer como sendo a suposta “oposição de esquerda”. Uma característica comum a esses grupos sectários e esquerdistas é a formulação de propostas que aparentemente são as mais “radicais”, dissimulando com isso, no interior de um determinado processo de mudanças, uma certa fraseologia pseudo-revolucionária sem vínculo concreto com as lutas da classe que esses grupos dizem defender. De acordo com Lênin,

La frase revolucionaria suele ser lo más a menudo el mal que sufren los partidos revolucionarios en las circunstancias en que realizan directa o indirectamente la ligazón, la asociación y el entrelazamiento de elementos proletarios y pequenoburgueses y cuando el curso de los acontecimientos revolucionarios muestra importantes y bruscos cambios. La frase revolucionaria es la repetición de las consignas revolucionarias sin tener en cuenta las circunstancias en el

cambio dado de los acontecimientos, que ocurren en la situación del momento. Consignas magníficas, atrayentes y embriagadoras, pero desprovistas de base, he aquí la esencia de la frase revolucionaria (Lenine, 1979: 24).

As lutas políticas e sociais na Venezuela contemporânea tem colocado novas questões e novos desafios para a esquerda latino-americana, e tudo aquilo que as organizações proletárias e anticapitalistas produziram de melhor e de pior ao longo de sua luta pelo socialismo acaba ressurgindo nas novas mobilizações e iniciativas organizativas, o que exige um grau considerável de maturidade política e de conhecimento da história para saber retirar das experiências do passado ensinamentos que contribuam para preparar melhor as forças sociais e políticas que representam, de fato, a possibilidade de uma verdadeira transição para além do capitalismo. Para tanto é necessário levar em consideração que

A vitória sobre a burguesia torna-se impossível sem uma guerra prolongada, tenaz, desesperada, mortal; uma guerra que exige serenidade, disciplina, firmeza, inflexibilidade e uma vontade única (...) Como se mantém a disciplina do partido revolucionário do proletariado? Como ela é comprovada? Como é fortalecida? Em primeiro lugar, pela consciência da vanguarda proletária e por sua fidelidade à revolução, por sua firmeza, seu espírito de sacrifício, seu heroísmo. Segundo, por sua capacidade de ligar-se, aproximar-se e, até certo ponto, se quiserem, de fundir-se com as mais amplas massas trabalhadoras, antes de tudo com as massas proletárias, mas também com as massas trabalhadoras não proletárias. Finalmente, pela justeza da linha política seguida por essa vanguarda, pela justeza de sua estratégia e de sua tática, com a condição de que as mais amplas massas se convençam disso por experiência própria (...) Mas, por outro lado, essas condições não podem surgir de repente. Vão se formando através de um trabalho prolongado, de uma dura experiência; sua formação é facilitada por uma acertada teoria revolucionária que, por sua vez, não é um dogma e só se forma de modo definitivo em estreita ligação com a experiência prática de um movimento verdadeiramente de massas e verdadeiramente revolucionário (Lênin, 1960: 13, 14 e 15).

É possível perceber que inúmeros indivíduos e organizações dirigentes da chamada “Revolução Bolivariana” tem clareza das dificuldades que enfrentarão nos próximos anos. Também é possível visualizar que existe todo um movimento no sentido de preparar melhor e de forma mais organizada a batalha de idéias e a disputa política no interior da sociedade venezuelana. Uma iniciativa que serve de exemplo para tal afirmação é a construção do PSUV, como resultado do mais democrático e popular processo de construção de um partido político na história da Venezuela. Os debates que foram realizados nos bairros, nas fábricas, nos sindicatos, nas escolas e universidades, nas comunidades rurais e nas forças armadas são uma demonstração viva de que existem condições favoráveis para a

existência de um instrumento político de novo tipo, construído a partir das bases, com participação ativa de militantes oriundos das mais variadas experiências organizativas no seio da esquerda.

É um partido que nasce orientado por importantes princípios, tais como: **1.** O de ser um instrumento de unidade das diversas forças sociais e políticas na defesa da revolução e do socialismo; **2.** A consciência de que os instrumentos políticos são transitórios e devem marchar ao ritmo do processo revolucionário; **3.** De que deve ser uma expressão da diversidade das forças revolucionárias ao mesmo tempo que vai lutando contra o corporativismo e o partidismo/grupismo das organizações para fortalecer a estratégia socialista; **4.** Não repetir os erros do passado e construir um caminho próprio valorizando as experiências anteriores; **5.** Garantir que as lideranças sejam eleitas e referendadas pela base, criando mecanismos para evitar a existência de uma cúpula dirigente que se perpetua na condução da organização; **6.** Estruturar o partido através do trabalho de organização na base, nos bairros, vilarejos, comunidades, municípios e fazer com que a militância assuma tarefas concretas nas lutas de massa; **7.** Ter a clareza de que não se trata de um partido cujo objetivo central são as eleições, ainda que o mesmo se prepare e participe das mesmas defendendo a revolução e o socialismo; **8.** Intensificar a batalha de idéias em torno da defesa do projeto socialista; **9.** Estimular e desenvolver experiências socialistas e de poder popular nas comunidades rurais e nos espaços urbanos; **10.** Impulsionar a transformação do modelo econômico e ir criando as condições para socializar a economia e gerar novas relações de produção ao prolet (Chávez, 2007b).

O PSUV, juntamente com o PCV, tem a possibilidade de aproveitar o momento histórico e a situação especial em que vive a Venezuela para fazer com que estas organizações ampliem sua influência entre o proletariado e as massas populares, ao mesmo tempo em que vão formando militantes e quadros preparados para enfrentar os desafios dessa necessária, empolgante e prazerosa - porém árdua – tarefa de construir o socialismo no século XXI. Para saber o quanto de mudanças essas organizações anticapitalistas da Venezuela terão condições de realizar, não basta a vontade daqueles que desenvolvem um sentimento de solidariedade com o que lá está ocorrendo. É preciso que em todo o nosso continente sejam fortalecidos ou criados movimentos que se orientem por uma estratégia antiimperialista e anticapitalista. Que cada organização e indivíduo assumam seu posto e cumpram sua tarefa nesta batalha, com idéias e o que mais for necessário para vivermos numa América Latina verdadeiramente livre do imperialismo e do capitalismo.

## Bibliografia

- CHÁVEZ, Hugo (2003). *El golpe fascista contra Venezuela*. La Habana: Ediciones Plaza.
- \_\_\_\_\_ (2007a). *Acerca de la grandísima importancia de un partido*. Brasília. *Diplomacia, Estrategia, Política - DEP*, 06.
- \_\_\_\_\_ (2007b). *El discurso de la unidad*. Caracas: Ediciones “Socialismo del Siglo XXI”.
- FNCEZ e outros (2006) *FNCEZ y otras organizaciones sociales fijaran posición ante nueva etapa del país*. <http://www.aporrea.org/actualidad/n87611.html> . Consultado em 19/01/2008.
- GARRIDO, Alberto (1999). *Guerrilla y conspiración militar en Venezuela*. Mérida: Editorial Venezolana.
- HARNECKER, Marta (2004). *Venezuela pós-referendo: os novos desafios*. São Paulo: Setor de Formação – MST.
- ITURBE, Alejandro (2007). *O que é o governo Chávez?* São Paulo. *Marxismo Vivo*, 15.
- LENIN, Vladimir (1960). *Esquerdismo, doença infantil do comunismo*. São Paulo: Editora Escriba.
- LENINE, Vladimir (1979). *Acerca de la frase revolucionaria*, em *La política exterior del Estado Soviético*. Moscou: Editorial Progreso.
- TOLEDO, Cecília (2007). *Considerações sobre o fechamento da RCTV na Venezuela*. São Paulo. *Marxismo Vivo*, 15.
- WEIL, Joseph (2004). *Qual é a estratégia revolucionária na Venezuela? Uma discussão com a esquerda*. São Paulo. *Marxismo Vivo*, 10.
- WOODS, Alan (2008). *Venezuela en la encrucijada*. <http://www.rebellion.org/noticia.php?id=61859> . Consultado em 19/01/2008.
- ZACARÍAS, Comandante (2004). *Las FBL laman a construir un Frente Antimperialista*. <http://www.aporrea.org/actualidad/a7059.html>. Consultado em 19/01/2008.